

Contos de Leonardo Mota – “O Príncipe”

Posted on *January 01, 1970* by *Jaqueline Aragão Cordeiro*

Amulhado e de estatura meã; magro e semi corcunda; barba e nuca ordinariamente raspada; cabelos compridos e, sempre que é possível, perfumados; na perna esquerda, encravada, uma bala, com que o alvejou o sargento Quelé, da polícia, paraibana; o olho direito, branco e cego, escondido pelos óculos pardacentos, de aros dourados; mãos compridas, que parecem garras; os dedos cheios de anéis de brilhantes, falsos e verdadeiros; ao pescoço, vasto e vistoso lenço de cores berrantes, preso no alto por valioso anel de Doutor em Direito; sobre o peito, medalhas do Padre Cícero, escapulários e saquinhos de rezas fortes; chapéu de cangaceiro, tipicamente adornado de correias e metal branco; ensimesmado toda vez que defronta uma turba de curiosos, folgazão quando entre poucos estranhos ou no meio de seus comparsas; não se esquecendo dum guarda-costa vigilante, à direita, sempre que desconhecidos o rodeiam; paletó e camisa de riscado claro, calças de brim escuro; alpercatas reluzentes de ilhoses amarelos; a tiracolo, dois pesados embornais de balas e bugigangas, protegidos por uma coberta e xale finos; tórax guarnecido por três cartucheiras bem providas; ágil como um felino, mas aparentando constante estropiamento e exaustão; às mãos o fuzil e à cinta duas pistolas “Parabelum” e um punhal de setenta e oito centímetros de lâmina: eis Virgolino Ferreira da Silva – LAMPIÃO – duende das estradas, assombração das matas e caatingas!

Muita inverdade se tem escrito a respeito de Lampião. Já o impingiram até por “almofadinha”, a fazer questão de se mostrar de meias de seda, como se alpercatas de rabicho e meias finas não fossem coisas que de se trouver... Tais retratos estrambóticos correm mundo, mercê da facilidade de escritores e jornalistas em aceitarem, sem exame, esquipáticas informações.

O Sr. Gustavo Barroso, à pag. 94 do seu “Almas de Lama e de Aço”, sustenta que o pai de Lampião foi morto “pela polícia pernambucana”. Não é exato. O velho José Ferreira tombou, sem vida, quando uma volante alagoana encontrou resistência ao lhe cercar a casa, à procura de Virgolino e seus manos, que já eram criminosos. Por sinal que a referida força era comandada pelo então Alferes José Lucena e a esse tempo Lampião deixara de ser tropeiro do Cel. Delmiro Gouveia.

O Sr. Vergne de Abreu, à pág. 10 do livro “Os Dramas Dolorosos do Nordeste” chama a Virgolino de “covardíssimo cearense”. Não é verdade. Lampião não deixou o umbigo no Ceará, mas em Pernambuco. Aconteceu tal “desgraça” aos 12 de fevereiro de 1900. Já o disse em versos o poeta popular José Cordeiro: No centro de Pernambuco, No Nordeste Brasileiro, No ano de noventa e zero, A 12 de Fevereiro, No termo de Vila Bela Nasceu esse cangaceiro. Virgolino tinha quatro irmãos: dos três que com ele se acumpliciaram, resta somente Ezequiel. Antônio Ferreira morreu de sucesso, digo, vitimou-o um acidente. Livino... este tem a caveira espetada numa estaca, entre Tacaratu e Jericató, no sertão de Pernambuco. João, débil mental, jamais acompanhou a irmandade delinquente.

Uma das maiores ojerizas de Virgolino é contra as sertanejas que, influenciadas pela moda, cortam o cabelo à la garçon: estas são infelicitadas, não por ele que as detesta, mas a mando seu, pelos cabras que o acompanham. Os sacerdotes que pregam contra a depilação das mulheres não se esquecem de lembrar às fiéis que a devastação das tranças, afora as penas do inferno, pode importar os rigores da punição terrena de Virgolino.

Singular é que o bandido, abominando a moda feminina, não tenha, por seu turno, o tradicional respeito sertanejo pela barba e procure viver de rosto glabro, sem o precário ornamento capilar dos fios do ralo bigode.

Na minha última visita à Penitenciária de Recife, perguntei a Antônio Silvino, a onça ali enjaulada, desde novembro de 1914: - Silvino, que é que você me diz de Lampião? - Ah, seu Dr. Lampião é um Prinspe! - Príncipe por quê? - Veio depois de mim. Os tempos são outros. As arma estão mais aperfeiçoada. Não falta quem lhe dê tudo. Caixeiro viajante não é besta pra se esquecer de levar presente de bala pra ele. A poliça quer é só se encher de dinheiro no sertão. O mundo todo virou revoltoso. Os Governo deixam de mão os cangaceiros porque não tem tempo nem de cuidar dos revoltoso. Não tenha dúvida: Lampião é um Prinspe! - Mas, Silvino, Lampião está praticando horrores no sertão. Você, não! Você era um cangaceiro simpático, que respeitava as famílias e defendia os pobres. Diga-me uma coisa: homem que tem experiência das lutas, você não vê um meio de a humanidade se ver livre de Virgolino?

Lisonjeado, o velho cangaceiro passou a mão pelo cabelo aparado rente ao crânio e insinuou, sorridente: - Home, só se a gente fizesse com ele o que fizeram com o Pitiguá...

Não atinei prontamente com o sentido da resposta, mas quando depois Silvino aduzia que bomba de dinamite não faz graça pra ninguém

se rir, compreendi que ele lembrava o atentado contra o General Potiguara e sugeriu o recurso numa bomba traiçoeira, disfarçadamente enviada ao Prinspe...

Nessa minha visita à Casa de Correção da capital pernambucana, conversei à vontade com vários comparsas de Lampião, já felizmente caídos nas malhas da Justiça. Entre eles, os que mais davam à língua eram Serra Umã, Braúna, Pássaro Preto, Zabelê, Cancão e Guará.

Braúna aludiu à religiosidade de Lampião. Alma atufada de credices, pescoço a vergar sob o peso de patuás, Virgolino tem como sua mais eficiente mandinga a oração do meio-dia. Se a cavalo perluastruma estrada, quando o seu relógio marca as doze horas, ele se apeia e, genuflexo na areia quente do caminho, curva a cabeça a comunicar-se com as forças misteriosas do Além. Mesmo no mais renhido tiroteio, abandona o fuzil e suplica a não sei que santos ou diabos lhe continuem a conservar o corpo fechado.

A uma indagação minha sobre se Lampião é corajoso, Zabelê atendeu: - É, e tem uma coisa: pra prender ele inda não nasceu home. Pode nascer ou já nasceu pra juntar os pedaços dele, porque ele se esbagaça, mas não vai preso. Virgolino é home pra se acabar nas mãos doutro home, a qualquer hora do dia ou da noite. O cabra que cair na besteira de se botar a ele segure o pulo porque, se errar o salto, ele o lambisca depressinha, tão certo como dois e dois ser quatro. Tem uma coisa: brigar a toa, pra perder ou só pra espediçar munição, ele não briga...

Guará ponderou, numa comparação de discípulo aprendido: - Espie só se os revoltoso andavam brigando a torto e a direito! A gente neste mundo só vadeia quando pode...

Serra Umã, com ar respeitoso, aparteu com uma informação preciosa: - O único home que, se Lampião botar-lhe os olhos em riba, vai a ele, nem que saiba que os dois se desgraçam, é o capitão Zé Lucena, da polícia de Alagoas. Esse oficial era quem comandava a força que matou o pai dele, Virgolino. Lampião, quando fala nele, bate os queixo de raiva que nem caititu acuado, ou que nem paroara com sezão...

Pássaro Preto procurou fazer a apologia do chefe: - Dizem que Lampião só tem é perversidade, mas ele, às vez, inté mostra que tem bom coração... E com um exemplo ilustrou o que dizia: - Logo que um garrancho de jurema fez aquele estrago no olho direito dele, ele um dia topou na estrada com um rapaz que disse que era médico. Era um doutorzim que acabava de chegar dos estudos no Rio, e vinha ganhar a vida aqui, no sertão de Pernambuco. Mais ele vinha um cabra frouxo, que andava de rife no cabeçote da cangalha, mas na "hora do pega pra capar", não fez a menor ação. Ficou foi amarelo que nem uma fulô de algodão. Quando o moço falou quem era, Lampião disse, satisfeito: Com um Doutô mesmo é que eu andava com vontade de me encontrar". O moço cuidou que Lampião estava dizendo que queria ter o gosto de matar um home formado e pediu por tudo quanto era sagrado que não lhe fizesse mal, pois não tinha mais pai e era quem sustentava uma mãe velha com um bocado de irmãos. Lampião sossegou ele: - "Não tenha susto, o Doutô está garantido! Agora o que vai lhe acontecer é que o Sr. vai se despedir do mundo durante uma semana. Eu preciso que o Sr. vigie se dá um jeito neste meu olho encrencado. Pra isso nós vamos passar uns dias naquele saco de serra, onde eu conheço umas furna que é direito uma casa".

O médico foi e, como na carga trazia umas mezinhas de primeira necessidade, pôde tratar de Lampião. Ao cabo de cinco dias, Virgolino estava muito melhor da infuleimação reimosa e resolveu ir botar de novo o Doutô na estrada real. No momento de se despedirem, Lampião deu a ele quatro contos de réis e, adispois de especular onde é que ele ia ganhar a vida, prometeu: - Vá, seu Doutô, pode ir sem susto que eu lhe garanto que tão cedo eu não consinto outro Doutô tomar chegada no seu negócio. O Sr. fica sozinho no lugar, que é pra assim poder ganhar mais dinheiro...

Como de fato. Passou-se foi tempo com tudo quanto era de médico medroso de andar por aquela zona. O doutorzim se encheu de dinheiro! Fiz a todos a pergunta: - Vocês não se lembram dalgum caso engraçado de matuto medroso, ao se ver às voltas com Virgolino? Serra Umã foi o primeiro a manifestar-se: - Uma vez, junto de Vila Bela, aqui em Pernambuco, Lampião chegou mais nós numa venda e mandou arrear uma dessas garrafas de litro de conhaque. Lampião, com cisma de veneno, fez o bodegueiro beber, na frente, coisa duns dois dedo e, depois, bebeu assim um meio copo. Estava-se nisso, quando um sujeito que nós não conhecia pediu a Lampião um golpinho da bebida. Lampião espiou pra ele de cara fechada e disse por aqui assim: - "Pra você nunca mais tomar confiança com homem que não é seu pariceiro, eu hoje lhe mato a vontade! "E obrigou o camarada pidão a beber todo o resto do conhaque! Ou bebia, ou levava faca! O cabra saiu que saiu às queda e foi lançar, foi vomitar, agarrado nas estaca dum cercado...

Riram os bandidos, como se o caso recordado fosse jocoso e não atestasse, acima de tudo, a perversidade de Virgolino. Mas para aquelas almas, embotadas pela torpeza de delitos inenarráveis, a brutalidade do gesto infame se afigurava de irresistível comicidade.

Zabelê cochichou qualquer coisa aos ouvidos de Cancão e este, num riso de monstro, a mostrar a fileira de dentes pontiagudos, cerrados

como caninos, desembuchou, desembaraçado, aquilo que Zabelê se acanhava de referir: - A coisa mais engraçada que eu tive de assistir passou-se numa fazenda do município de Princesa, na Paraíba. O velho dono da casa tremia que era ver vara verde. Lampião o botou debaixo de confissão, riscando-lhe o punhal nas costelas e ele acabou descobrindo o rumo da volante do Tenente Mané Binisso. Virgolino queria dar no velho uma surra de relho, mas, era tanto choro de muié e menino, que o jeito foi se perdoar. Mais com pouca, Lampião tirou do bolso um maço de cigarros e ofereceu:

O velho ficou calado, fez que não tivesse ouvido. Lampião tornou a perguntar, desta vez gritando no pé do ouvido dele: - Pita? Aí, todo tremendo, o velho disse: - Pito. Mas, Vamincê querendo, eu largo o viço...

Fonte: Nos tempos de Lampião, Leonardo Mota, 1930 (O livro contém onze contos sobre Lampião) Leia biografia de Leonardo Mota [AQUI](#)
Jaqueline Aragão Cordeiro

Posted in:Contos De Leonardo Mota | | With 0 comments
